

O ESPAÇO BIOGRÁFICO DE LEONOR ARFUCH: UMA NOVA LEITURA DOS MODOS COMO VIDAS SE CONTAM

Ana Cristina de Rezende Chiara
(UERJ)

Vida... Experiência... Sujeito... Narrativas... As palavras dançam com renovado vigor diante dos olhos de um leitor acadêmico. Jogadas na lixeira dos conceitos inúteis durante algum tempo retornaram indefectivamente ao cenário das Letras desde a voga dos estudos sobre a literatura de testemunho, o interesse por fontes primárias e abertura de arquivos, e a contribuição inquestionável das novas formas de conservação da memória, os arquivos virtuais, com o encanto e o prestígio das siglas RAM e ROM dos computadores. À ameaça de desaparecimento pelas escaramuças da memória (e escaramuças contra a memória, como é o caso do olvido oficial que interessa à História do poder), ao Alzheimer social, responde-se com a possibilidade de resgate de lembranças as mais inconfessáveis, seja por sua carga de violência, por sua importância política e ou cultural, pela singularidade prometida no exame de uma vida, seja também, se examinarmos alguns casos, por sua obscenidade ao revelar a inútil intimidade de celebridades de pouca duração.

O empreendimento da professora Leonor Arfuch, especialista em análise de discurso e crítica cultural, no livro *El espacio biográfico: dilemas de la subjetividad contemporánea*, primeira edição em 2002, pelo Fondo de Cultura Económica de Argentina, muito citado nos recentes trabalhos acadêmicos, mas ainda sem tradução, reflete sobre os desdobramentos de uma tríade de questões envolvidas nessa esfera de pensamento: a questão da subjetividade, o modo de narrar e a razão dialógica, totalmente relevantes para o pensamento contemporâneo das Ciências Sociais. O livro investiga a complexa relação entre sujeito, linguagem, sociedade, discursos representativos do biográfico, as formas narrativas que estes assumem na constituição desses sujeitos, subjetividades, valores compartilhados, práticas de comportamento e vidas imaginárias. Descarta a visão naturalizadora que toma por autêntico

– porque verificável em termos de alguns feitos – o discurso biográfico. Ao examinar as questões axiais que dão contorno ao dilema de “narrar sua vida” sem chegar nunca a “comunicar” ou “compartilhar” o que Levinas chama de a “solidão de existir” (apud ARFUCH, 2002, p.100), Arfuch refaz um percurso conceitual dos mais importantes para a compreensão das concepções que regem os gêneros biográficos, desde as canônicas biografias, autobiografias até as mais recentes. Esta crescente devoção à memória, ao registro, ao biográfico desenvolveuse, na América Latina, sobretudo, desde a década de 80, por conta da quebra de regimes totalitários. As formas canônicas do discurso biográfico – as biografias, as autobiografias, os retratos, auto-retratos, a confissão, a apologia – convivem contemporaneamente com a proliferação de múltiplas formas de relatos ampliando de forma considerável o que Leonor Arfuch denomina “o espaço biográfico”.

O livro dá por estabelecido o entendimento que o espaço biográfico só pode ser redimensionado dentro da categoria da narrativa, já que a possibilidade de contar uma vida ou a própria vida, ou seja, a possibilidade de reconstrução mimética do vivido acontece ao se organizarem os fatos, sentimentos, afetos, numa ordem temporal que é da narrativa obedecendo às regras e limites materiais da mesma. Por si só esta restrição impede os mitos da autenticidade, ferindo mesmo a concepção de singularidade de uma vida. A singularidade de cada um está, segundo Levinas, uma das leituras de Leonor Arfuch, na ordem do indizível. Não há possibilidade de coincidência do vivido com o relato, desde sempre a matéria da experiência está perdida e o que se pode fazer é organizá-la num fluxo narrativo irreduzível ao acontecido.

Também, segundo a autora, o espaço biográfico ultrapassa de muito o gênero narrativo canônico ao estender-se a novas modalidades de registro como as entrevistas, os *reality shows*, os *blogs*, o que torna a possibilidade de leitura de “uma vida” mais abrangente, transversal, procedendo ao que a crítica argentina aponta como abertura às ressignificações do sujeito, processos de subjetivação plurais e dinâmicos. No caso da entrevista, por exemplo, o contato com o interlocutor cria a oportunidade de “ressignificação constante das instâncias do auto-conhecimento” (ARFUCH, 2002, p. 97). O ressurgimento do interesse pelo biográfico guardaria ainda uma necessidade de entendimento de si por estratégias especulares, no caso do leitor, do espectador ou interlocutor. Não se trataria, portanto, apenas de uma curiosi-

dade voyeurística, uma inclinação frívola ao *gossip*; mas de uma necessidade de restabelecimento de um “eu” pelo menos como medida de permanência na impermanência do desejo, por meio de um diálogo mudo com a “experiência do outro”.

Ao mapear as contribuições mais importantes para o estabelecimento de um campo de saber sobre os “discursos do eu”, a autora passa pela reflexão lingüística de Emile Benveniste em sua proposição de deslocamento do “eu” da concepção referencial do sujeito para uma posição discursiva, onde o pronome “eu” redistribui-se democraticamente na ciranda dialógica da interdiscursividade. Também lê Paul Ricoeur nas retomadas sobre temporalidade e narração, o que propicia um entendimento mais refinado sobre os entrecruzamentos temporais que ocorrem no empreendimento biográfico, o tempo do acontecimento, o tempo da enunciação concorrem para a “formação” de um terceiro tempo, o tempo ficcional que se atualiza pela leitura. Arfuch também considera da maior importância a contribuição do trabalho de Mikhail Bakhtin, filósofo, cuja lingüística é considerada uma “translingüística” já que não se pode entender a língua isoladamente, mas postula que qualquer análise lingüística deve incluir fatores extralingüísticos como contexto de fala, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico, etc. Nesse sentido, Arfuch retoma de Bakhtin a noção de vozes narrativas dentro do relato do biográfico. Despede-se, sob essa ótica, o “eu” unívoco e acata-se, em favor de uma razão dialógica, o descobrimento do princípio bakhtiniano que punha em questão a unidade da voz narrativa: “Como estabelecer o quem do espaço biográfico? Como aproximar-se desse entrecruzamento das vozes, desses ‘eu’ que imediatamente se desdobram, não só em um ‘tu’ senão também em ‘outros?’” (ARFUCH, 2002, p. 95). O “eu” do espaço biográfico encontra-se desta maneira sujeito à ressignificações constantes por “instâncias do auto-reconhecimento”.

Esses aportes críticos trabalhados pela autora utilizam a noção de pacto autobiográfico estabelecida pelo conhecido trabalho de Philippe Lejeune e deslocam a possibilidade de identidade entre Autor, narrador e personagem principal para um horizonte mais instável, híbrido, onde a medida da identidade é substituída pela de alguma constância, uma unidade psíquica fundada pelo discurso, mas sem nenhuma garantia referencial ou substancialista. Neste sentido, o gesto disruptor de Roland Barthes, no livro *Roland Barthes por Roland*

Barthes, é paradigmático. Segundo Arfuch, o autor neste livro “desarticula as cronologias, mescla as vozes narrativas, desloca o ‘eu’ para a terceira pessoa, desconstrói o efeito de realidade” (ARFUCH, 2002, p. 105).

O “eu” autobiográfico perfaz-se, segundo Arfuch, na oscilação entre a memória (posta sob suspeita já que a memória, por vezes, como no caso da reconstituição da infância, é a memória dos outros) e a mimesis, constituindo um jogo entre os aportes contextuais família, sociedade, cultura, e a reconstituição, recriação ficcional, no sentido da *poiésis* aristotélica. Por outro lado, o espaço biográfico, se quisermos ficar com as metáforas espaciais estudadas pela autora, apresenta topologias inatingíveis como o lugar do secreto, do incomunicável, que não se confunde com o espaço íntimo que seria o da intimidade, das confissões. Do mais externo – o da vida pública, passando pelo espaço privado, até o da intimidade, o espaço biográfico descasca-se como uma cebola, o que nos deixa sempre com as mãos vazias ao se tentar atingir o núcleo de uma intimidade que se furta aos olhos do mais obsessivo narrador seja o autobiográfico, seja o do admirador, do biógrafo ou do do insistente ou impertinente entrevistador.

Ultrapassando os limites restritos do interesse dos especialistas em Letras, o livro da Professora Leonor Arfuch interessa àqueles que se debruçam sobre a experiência do outro, como o caso dos especialistas em Comunicação Social e os das Ciências Sociais, os novos etnógrafos. Recupera para seus leitores os textos seminais que esclarecem as viradas desconstrutivistas do discurso biográfico em suas oscilações ambíguas pelo ficcional, sem deixar de reconhecer a especificidade desse gênero, fortemente ancorado na troca intersubjetiva e no compartilhamento de um solo comum de referências.

Trata-se, no caso, de uma reflexão que, ao contrário de fortalecer as inclinações narcísicas do eu inflado pela rede discursiva do consumo fácil, obriga o leitor a repensar o quadro da subjetividade numa rede de respostas e responsabilidades como aponta uma das notas do terceiro capítulo sobre “A vida como narração” onde Arfuch diz sobre responsividade:

Esta palavra própria do léxico de Bakhtin, para quem o enunciado se adianta às expectativas e objeções do outro, de modo que responde por antecipação a esse outro. Porém este responder não é só “dar resposta” no sentido de contestar, preencher um branco, um vazio, mas também de assumir esse encargo, responder pelo outro: assim responsividade e responsabilidade (não por acaso têm a mesma raiz) estarão ambas compreendidas. O dialogismo então é também uma ética. (ARFUCH, 2002, p. 96).

O espaço biográfico assim configurado não pode ser mais o jardim das delícias confessionais, mas passa a ser um campo onde se exercita sem inocência e com mais responsabilidade o autoconhecimento e o reconhecimento do outro. Uma lição de limites.

REFERÊNCIA

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico: dilemas de la subjectividad contemporânea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Economica de Argentina, 2002.